

1.

Na manhã do dia 5 de Junho de 1962, o *Queen Elizabeth* trouxe-nos, à minha mulher e a mim, de Cherbourg para Nova Iorque, para a estreia do filme *Lolita*. No dia da chegada, três ou quatro jornalistas entrevistaram-me no hotel St. Regis. No meu bloco de notas tenho um grupinho de nomes apontados, mas não estou certo de que algum deles se refira a esse grupo. As perguntas e as respostas foram dactilografadas a partir das minhas notas logo a seguir à entrevista.

Os entrevistadores não acham que seja uma pessoa especialmente estimulante. Porquê?

Orgulho-me de ser uma pessoa sem interesse para o público. Nunca me embebedei em toda a minha vida. Nunca utilizo palavrões de aluno do secundário. Nunca trabalhei num escritório ou numa mina de carvão. Nunca pertenci a nenhum clube ou grupo. Nenhuma crença ou escola teve a mais pequena influência em mim. Nada me aborrece tanto como os romances policiais e a literatura de intenções sociais.

Mesmo assim devem existir coisas que o tocam... gostos, aversões.

As minhas aversões são simples: a estupidez, a opressão, o crime, a crueldade, a música ambiente. Os meus prazeres são os mais intensos que o homem conhece: escrever e caçar borboletas.

Escreve tudo à mão, não é assim?

É. Não sei escrever à máquina.

Estaria de acordo em mostrar-nos uma amostra dos seus rascunhos?

Creio que devo recusar. Apenas as nulidades ambiciosas e as mediocridades sinceras exibem os seus rascunhos. É como passar à roda amostras do nosso cuspe.

Lê muitos romances novos? Porque está a rir-se?

Rio-me porque há editores bem-intencionados que não param de me mandar — com cartas do tipo «espero-que-goste-tanto-deste-livro-como-nós» — apenas uma espécie de ficção: romances recheados de obscenidades, palavras janotas e pretensos acontecimentos escabrosos. Parecem ter sido todos escritos pelo mesmo escritor — que nem sequer é a sombra da minha sombra.

Que opinião tem do chamado «novo romance» em França?

Os grupos, os movimentos, as escolas de escrita e assim por diante não me interessam. Interessa-me apenas o artista individual. Esse «novo romance» não existe realmente; mas existe um grande escritor francês, Robbe-Grillet; o seu trabalho é imitado grotescamente por uma quantidade de escribas banais a quem um falso rótulo serve comercialmente.

Reparo que fala com muitas hesitações... É sinal do aproximar da senilidade?

De modo nenhum. Fui sempre um orador desgraçado. O meu vocabulário habita nas profundezas do meu espírito e precisa do papel para se soltar e ascender à zona física. Para mim, a eloquência espontânea parece um milagre. Reescrevi várias vezes, com muita frequência, todas as palavras que publiquei. Os meus lápis duram mais que as respectivas borrachas.

E quanto a aparições na TV?

Muito bem (na TV começa-se sempre com «muito bem»), depois duma dessas aparições em Londres, aqui há dois anos, fui acusado por um crítico ingénuo de me torcer todo e evitar a câmara. A entrevista, claro, fora cuidadosamente ensaiada. Tinha escrito cuidadosamente todas as minhas respostas (e a maior parte das perguntas), e, porque sou um tal caso perdido como orador, tinha as minhas notas (perdidas desde então) em cartões numerados dispostos à minha frente, emboscados atrás de diversos adereços inocentes; daí que não pudesse olhar fixamente para a câmara nem olhar de esguelha para o entrevistador.

No entanto, proferiu muitíssimas conferências...

Em 1940, antes de me lançar na carreira acadêmica na América, dei-me felizmente ao trabalho de escrever uma centena de conferências — cerca de 2000 páginas — sobre a literatura russa, e mais tarde outras cem sobre grandes romancistas, de Jane Austen a James Joyce. Isto livrou-me de preocupações em Wellesley e em Cornell durante vinte anos acadêmicos. Embora, no atil, executasse um movimento subtil para baixo e para cima com os olhos, nos espíritos dos alunos atentos nunca houve a mínima dúvida de que estava a ler e não a falar.

Quando começou a escrever em inglês?

Em bebé era bilingue (russo e inglês) e acrescentei o francês aos cinco anos de idade. Ainda rapazinho pequeno, todas as notas que tomava sobre as borboletas que colecionava eram em inglês, com diversos termos roubados dessa muito deliciosa revista *The Entomologist*, revista que publicou o meu primeiro artigo (sobre borboletas da Crimeia) em 1920. Nesse mesmo ano contribuí com um poema em inglês para a *Trinity Magazine*, de Cambridge, quando era lá estudante (1919-1922). Depois disso, em Berlim e em Paris, escrevi os meus livros em russo — poemas, contos, oito romances. Foram lidos por uma percentagem razoável dos três milhões de russos emigrados e, evidentemente, absolutamente proibidos e ignorados na Rússia soviética. Em meados dos anos 30, traduzi, para publicação em inglês, dois dos meus romances russos, *Desespero* e *Camera Obscura* (re-intitulado *Riso na Escuridão*). O primeiro romance que escrevi directamente em inglês foi *A Verdadeira Vida de Sebastian Knight*, em 1939, em Paris. Depois de vir para a América em 1940, contribuí com poemas e contos para a *The Atlantic* e para a *The New Yorker* e escrevi quatro romances, *Bend Sinister* (1947), *Lolita* (1955), *Pnin* (1957) e *Fogo Pálido* (1962). Publiquei também uma autobiografia, *Fala, Memória* (1951), e diversos artigos científicos sobre a taxonomia das borboletas.

Gostaria de falar sobre Lolita?

Bom, não. Disse tudo quanto queria dizer sobre o livro no Posfácio anexo às suas edições americana e britânica.

Custou-lhe escrever o guião do filme Lolita?

O que mais me custou foi dar o mergulho, decidir aceitar o trabalho. Em 1959, Harris e Kubrick convidaram-me para ir a Hollywood, mas

ao fim de várias conversas com eles decidi que não queria fazê-lo. Um ano depois, em Lugano, recebi um telegrama deles a insistirem em que repensasse a minha decisão. Entretanto, uma espécie de guião como que tomara forma na minha imaginação, de modo que até fiquei contente por repetirem o convite. Fui mais uma vez a Hollywood e aí, à sombra dos jacarandás, trabalhei no guião durante seis meses. Transformar um romance nosso num guião de cinema assemelha-se muito a fazer uma série de esboços para um quadro há muito acabado e encaixilhado. Criei novas cenas e diálogos, num esforço de salvaguardar uma *Lolita* que para mim fosse aceitável. Sabia que se não fosse eu a escrever o guião, outro o faria, e também sabia que, na melhor das hipóteses, o produto final, nesses casos, é menos uma fusão do que um conflito de interpretações. Ainda não vi o filme. Tanto pode vir a ser a neblina duma linda manhã vista através duma rede, como pode vir a ser as guinadas duma estrada panorâmica vistas pelo passageiro horizontal duma ambulância. Das sete ou oito sessões com Kubrick durante a escrita do guião fiquei com a impressão de que era um artista, e é com base nessa impressão que espero ver uma *Lolita* plausível no dia 13 de Junho em Nova Iorque.

Em que está a trabalhar agora?

Estou a ler as provas da minha tradução do *Eugene Onegin* de Púchkin, um romance em verso que, acompanhado dum comentário enorme, será publicado pela Fundação Bollingen em quatro elegantes volumes de mais de quinhentas páginas cada.

Podia descrever esse trabalho?

Durante os anos em que ensinei Literatura em Cornell e noutros sítios, pedia aos meus alunos a paixão da ciência e a paciência da poesia. Como artista e professor, prefiro o pormenor específico à generalização, as imagens às ideias, os factos obscuros aos símbolos claros, e o fruto selvagem que descubro à compota sintética.

De modo que pôs o fruto em conserva?

Sim. Os meus gostos e as minhas aversões influenciaram os meus dez anos de trabalho no *Eugene Onegin*. Ao traduzir os seus 5500 versos para inglês, tinha de decidir entre a rima e a razão — e escolhi a razão. A minha única ambição foi fazer uma cábula, uma sebenta, uma tradução absolutamente literal, com notas copiosas e pedantes cujo

volume excede em muito o texto do poema. Só uma paráfrase «se lê bem»; a minha tradução não; é honesta e desajeitada, ponderosa e fiel como uma escrava. Tenho diversas notas para cada estrofe (que são mais de 400, contando as variantes). Este aparato crítico contém uma discussão da melodia original e uma explicação completa do texto.

Gosta de ser entrevistado?

Bom, a delícia de falar sobre um tema único — eu próprio — não é uma sensação para desprezar. Mas o resultado às vezes confunde. Recentemente, o semanário de Paris *Candide* pôs-me a declamar disparates à toa num cenário idiota. Mas também tenho encontrado com frequência muita correcção. Assim, a *Esquire* publicou todas as minhas emendas ao relato duma entrevista que achei cheia de erros. Os escritores de mexericos são mais difíceis de controlar, e são propensos a serem muito descuidados. Leonard Lyons pôs-me a explicar por que razão permitia que a minha mulher tratasse de transacções cinematográficas com a observação absurda e deselegante: «Quem é capaz de lidar com um talhante pode lidar com um produtor.»